

DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA À RETOMADA DA ESPERANÇA**From a Foretold Tragedy to the Resumption of Hope****Antonio C Ribeiro Tupinambá**

Doutor em Psicologia pela Justus Liebig Universität Giessen

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7786-6687>Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7504965698434271>**Resumo**

O Brasil começa um novo período de sua história recente. Deixa o obscurantismo para vislumbrar uma saída em direção à luz. A democracia foi atacada, a ciência desprezada, o fundamentalismo religioso tentou banir o oponente, o diferente. O terceiro governo Lula recebeu uma herança maldita, terra arrasada resultante de ações governamentais que contribuíram para o retrocesso econômico, social e político. Na Saúde, o desastre do negacionismo institucional; na Educação o retrocesso com registro de corrupção generaliza e no Meio Ambiente ações para destruir a floresta, desmantelar órgãos de proteção ambiental e indulgência com mineradores, traficantes, milicianos e madeireiros ilegais. Nas Relações exteriores um ministro que transforma o Brasil em pária no mundo. A vitória de Lula em 2022 registrou o começo de uma nova era, a volta da civilidade. Ignorância e obscurantismo vêm sendo combatidos apesar da intransigência de grupos autoritários e golpistas remanescentes. O tempo é de combate à impunidade, superação e reconstrução.

Palavras-chave: Bolsonarismo; obscurantismo; negacionismo; Lula; reconstrução; ciência; esperança.

Abstract

Brazil is beginning a new period in its recent history. It leaves behind obscurantism to glimpse a way out towards the light. Democracy was attacked, science was despised, and religious fundamentalism tried to banish the opponent, the different. Lula's third term received a cursed inheritance resulting from government actions that contributed to economic, social and political regression. In Health, the disaster of institutional denialism; in Education, the regression with a record of widespread corruption; and in the Environment, actions to destroy the forest, dismantle environmental protection agencies and leniency towards miners, drug traffickers, militiamen and illegal



loggers. In Foreign Affairs, a minister who turns Brazil into a pariah in the world. Lula's victory in 2022 marked the beginning of a new era, the return of civility. Since then, ignorance and obscurantism have been combated despite the intransigence of remaining authoritarian and coup-plotting groups. Now it is time to combat impunity, overcoming and rebuilding.

Keywords: Bolsonarism; obscurantism; denialism; Lula; reconstruction; science; hope.

No dia 30 de outubro de 2022 não só o Brasil, mas grande parte do mundo esperava ansiosa pelo resultado que sairia das urnas no segundo turno das eleições para presidente. Não por acaso, logo após os resultados apontarem a vitória de Lula, se experimentou um sentimento de alívio, em especial naquelas nações democráticas que lidam com as forças da extrema direita em seus territórios: “Nossa eleição foi seguida minuto a minuto nos gabinetes dos principais líderes globais, que estavam prontos para reconhecer a vitória de Lula, caso ela ocorresse. O papel do Brasil no jogo geopolítico era estratégico... Bolsonaro garantiu o reduto perfeito para a ultradireita num mundo traumatizado com o furacão Donald Trump nos Estados Unidos. A estridência do [então] presidente brasileiro manteve o barulho necessário para normalizar as causas conservadoras e reacionárias...” (Jimenez, 2022). A política brasileira de enfraquecimento das relações internacionais relegando o papel do país a mero coadjuvante estadunidense já vinha se definindo na cauda dos acontecimentos políticos de 2016, quando foi deposta por um golpe jurídico-político-midiático a presidente democraticamente eleita, Dilma Rousseff. Com a presença de Aloysio Nunes no Ministério das Relações Exteriores do governo golpista de Michel Temer nada mais se esperava dessa política, senão o fim do antes almejado e crescente papel de protagonismo internacional que vinha se consolidando na maior nação da América Latina. Em um movimento contrário, o governo ilegítimo do golpista presidente tampão Michel Temer enfraquecia não somente o Brasil mas todo o bloco econômico do Mercosul. Tal se deu



com a ajuda de “sócios” igualmente corruptos no Paraguai e na Argentina: Horacio Cartes que, segundo o Ministério Público Federal do Rio de Janeiro, pagou US\$ 500 mil para ajudar na fuga de Darío Messer, o “doleiro dos doleiros” e Mauricio Macri mencionado no Panama Papers, arquivos vazados do escritório de advocacia Mossack Fonseca, como diretor de uma empresa *offshore* nas Bahamas.

A indicação de Ernesto Araújo pelo anti-presidente Bolsonaro para ocupar o mais alto posto na diplomacia brasileira desonrou o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) e transformou o Brasil em piada internacional, indigno de respeito pelas nações e povos do mundo. A opinião sobre a incompetência de Araújo e contra sua gestão foi se tornando unânime. O descontentamento crescente de setores do Itamaraty com a gestão do ministro veio a público por meio de uma carta de um grupo de 300 diplomatas que pedia então pela saída do ministro. Na carta afirmam que a política externa brasileira historicamente se caracterizou por pragmatismo e profissionalismo e “o corpo diplomático sempre investiu no diálogo respeitoso e construtivo, com interlocutores internos e internacionais, com a imprensa e o Parlamento”. O ministro foi acusado de envolvimento em atritos com a China além de ter afirmado que se a política externa “faz de nós, um pária internacional, então que sejamos esse pária”. A gestão do chanceler era, no auge da pandemia de Covid 19 no Brasil, apresentada como um dos motivos pelas dificuldades para obter vacinas contra o novo coronavírus.

Em curso, a queda livre do Brasil para o inferno diplomático, isolamento mundial e destruição do seu patrimônio diplomático intangível, já representado por nomes como José Bonifácio de Andrada e Silva, Rui Barbosa, Oswaldo Aranha, João Cabral de Melo Neto e tantos outros. O desmonte programado representou um elevado custo civilizatório e provocou retrocessos em todas as frentes políticas que importariam para manter o crescimento e continuar com os esforços de emancipação na América Latina. Tudo isso começou a ser orquestrado em conluio com os interesses espúrios na sede do poder em Washington, sendo seus executores locais o trio de presidentes, todos de reputação maculada pela corrupção e desprezo por suas respectivas nações: Temer, no Brasil; Macri, na Argentina e Cartes, no Paraguai. O fortalecimento do Mercosul e,



paralelamente, no caso brasileiro, a consolidação de um outro bloco econômico, o Brics, significariam melhores alternativas de mercado e de relações políticas e econômicas para os países membros. Tal não interessaria aos Estados Unidos!

O Brasil sempre foi o país que mais timidez e fragilidade apresentou no Brics mas, juntamente com seus demais integrantes, vinha conseguindo aumentar seu protagonismo no cenário internacional mediante os esforços dos presidentes que incentivaram a criação e fortalecimento do bloco econômico. Todavia, o que ocorreu no governo Temer a este respeito, foi um aprofundamento da subalternidade do Brasil, acompanhada pela fraca presença de um governo sem reconhecimento interno ou externo e por um Ministério do Exterior desacreditado e com ações diplomáticas medíocres. A rota que permitiria o país a se posicionar na vanguarda do clube Brics foi reorientada e parece ter levado sua participação a um lugar sem importância, dentro de um projeto enfraquecido.

Certamente o fortalecimento do Brics, solapado pelo governo brasileiro do pós-golpe de 2016 só piorou e foi se aprofundando no que se seguiu, mediante o entreguismo do governo de extrema-direita chefiado por Bolsonaro. Este antigoverno caracterizou o pior momento da história recente do país: descartou a ciência como estratégia no combate a uma pandemia que assolou o mundo, além de contribuir macabra e deliberadamente desde seu inicio, para o culto da morte, até o absurdo de mais de 700 mil vidas ceifadas; um verdadeiro genocídio do povo brasileiro. Abriu mão do internacionalismo para o combate da nova praga do século, para reduzir o Brasil ao papel de pária do mundo, isolando-o com estratégias e objetivos medievais. O Brasil precisava se livrar de Bolsonaro e sua corja de destruidores da pátria, para poder sobreviver. O começo desse livramento só veio em 2022 com a sua derrota nas eleições. Em março de 2025, mais um evento decisivo para a superação do passado de desmandos bolsonaristas se deu quando a primeira turma do Supremo Tribunal Federal votou, por unanimidade, para que Bolsonaro se tornasse réu por tentativa de golpe de Estado que culminou com os atentados terroristas em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023. Os ataques ou atos golpistas de 8 de janeiro de 2023 ficaram conhecidos como “Intentona Bolsonarista” ou simplesmente de “8 de janeiro”; uma série de atos de vandalismo, invasões, depredações do patrimônio



público na Praça dos Três Poderes em Brasília cometidos por uma multidão de extremistas bolsonaristas com o objetivo de instigar um golpe militar contra o governo de Lula, eleito democraticamente, na tentativa de restabelecer o golpista Jair Bolsonaro como presidente/ditador do Brasil.

Os anos 1940 de dependência quase colonial do Brasil a que se referiu o escritor Raduan Nassar,¹ pareciam querer voltar. O Brasil que havia saído da periferia do mundo, nela tentavam reinstala-lo. Passou a fazer novamente parte do mapa da fome e a ocupar um lugar no pódio junto com os países líderes em feminicídio, crimes contra as maiorias sociais, trabalho escravo e genocídio de povos indígenas. Em 2021, o último indígena da tribo Aruká morreu em consequência do covid-19, i.e., em consequência da política de extermínio dos povos originais perpetrada pelo governo Bolsonaro. Não vacinado, tratado com o kit-covid sem eficácia comprovada mas defendido pelo presidente, o último Aruká morreu em um hospital do Amazonas. Tratou-se de mais um na estatística de mortes evitáveis em relação à epidemia no país, tornando o Brasil um dos campeões mundiais também no número de pessoas infectadas. O Brasil é o país que mais envergonhava e causava espanto à Organização Mundial de Saúde (OMS) com suas propostas governamentais consideradas absurdas.

Jair Bolsonaro e Ernesto Araújo já haviam defendido sua opinião de que fossem retirados dos documentos na OMS qualquer tipo de referência sobre “educação sexual”. Aprofundou-se o fundamentalismo religioso neopentecostal com seus representantes políticos e institucionais reforçando propostas de premiar o crime de estupro com impedimento da interrupção da gravidez nesses casos, incentivando a violência contra a mulher. Ignoravam o racismo e seu necessário combate. Sequestraram a laicidade do Estado para transformá-lo em um verdadeiro “Brasiquistão”, onde a extrema-direita fascista e a auto-nomeada “bancada evangélica” querem saquear o Estado, enganar a

¹ Naqueles anos 40, o mundo estava sendo sacudido, os velhos impérios se desmoronando, novos polos de poder emergindo, novos impérios se esboçando, mas para nós prevalecia a estrutura de costume: o centro do mundo era a Europa (Paris o seu umbigo), o Brasil era parte da periferia, devendo ter os olhos submissos sempre voltados para a matriz. Matriz ao mesmo tempo única e polivalente, qualquer coisa assim beirando uma entidade atemporal, com nada antes, nem depois. Raduan Nassar foi galardoado com o Prêmio Camões em 2016.



população e sequestrar os direitos das mulheres e das minorias. O país sofreu com o desmonte de áreas vitais como saúde e educação, trazendo de volta doenças antes erradicadas, fazendo crescer o analfabetismo e retroceder em décadas a educação em todos os níveis. O mal que se impôs ao Brasil só poderia ser estancado com a defenestrção de Bolsonaro. Esse mal, como todos os outros a ele concernidos, deverão ter um fim porque é este fim, o objeto de luta de todos que prezam a liberdade e desejam o Brasil de volta ao caminho auspicioso que trilhava, para trazer alegria e prosperidade para seu povo. A solução imediata e inadiável teria sido o *impeachment* do presidente que instalou o caos social e a barbárie no país mas que não ocorreu por cumplicidade política e a compra de comparsas no parlamento. O passo seguinte e redentor seria seu julgamento em tribunal local e internacional para sua condenação por seus crimes contra o povo brasileiro, a floresta e a humanidade, pelo que ainda está em dúvida a justiça brasileira e internacional. Por enquanto a vitória de Lula nas urnas traz-nos a certeza de ter superado a fase mais difícil e cruel da história brasileira desde o período de redemocratização do país e uma esperança de dias melhores.

A reversão, ainda a tempo, do projeto de destruição do país e de suas relações internacionais é uma das grandes metas do novo governo que começou em 2023. Com Lula na presidência, o Brasil tem a chance de retomar sua tradição diplomática que sempre esteve alinhada ao que acordavam as diferentes nações com vocação democrática, respeito aos direitos humanos e à natureza. Lula já havia apresentado em suas diretrizes gerais de plano de governo, a intenção de voltar a fortalecer o Brics, apostar na integração latino-americana, compreendendo o Mercado Comum do Sul (Mercosul), a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e a A Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac). A participação do Brasil mediante seu novo governo em 1º de janeiro de 2023 na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 27) no Egito constituiu-se noutro passo fundamental para que o país retornasse como um membro efetivo da comunidade internacional e para colaborar com a retomada das discussões fundamentais à sobrevivência do planeta.



O efeito positivo da vitória de Lula nas últimas eleições presidenciais foi o passo inicial para viabilizar um “repositionamento do Brasil no Mapa Mundi” e uma retomada de projeto construtivo em contraste ao projeto negacionista de Bolsonaro e de destruição da Amazônia, bem como do meio ambiente, projeto esse com consequências nefastas para todo o planeta que vinha sendo orquestrado de dentro do centro do poder em Brasília. O efeito positivo veio de imediato com o convite especial feito pelo presidente do Egito, Abdel Fatah al-Sissi, para que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, comparecesse à nomeada COP 27. Um time respeitado internacionalmente mostraria essa nova face de um país que, com a eleição de Lula, evitou aprofundar o destino de nação pária, projeto explícito do governo Bolsonaro e de seus ministros: “Ao lado de Lula na COP 27, estarão além do governador do Amapá e coordenador do Consórcio Amazônia Legal, Waldez Góes (PDT), a senadora Simone Tebet (MDB-MS), (terceira colocada na disputa pela presidência da República que, logo após a vitória de Lula, discursou mostrando que apoiar Lula era apoiar a democracia), e da ex-ministra do Meio-Ambiente (2003-2008) e deputada federal eleita (Rede-SP), Marina Silva”, atual Ministra do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, que expressou sua confiança no compromisso de Lula para o meio ambiente.

Com o novo governo, a retomada do financiamento do Fundo Amazônia, que deve apoiar a proteção da floresta, negligenciado e até rejeitado pelo governo Bolsonaro e seu ministro predador do meio ambiente Ricardo Salles. Estes dois assim agiam para dar prosseguimento a seu plano macabro de destruição da floresta, extermínio do seu povo original e de todo o meio ambiente. Afinal de contas, o decreto que criou o Fundo Amazônia em 2009 determina que os recursos podem ser utilizados, sob gestão do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em benefício do meio ambiente. Trata-se de gestão em projetos de proteção de florestas e de outras áreas; controle, fiscalização e monitoramento ambiental; conservação de territórios e suas atividades econômicas sustentáveis, entre outras iniciativas, claramente na direção oposta ao interesse do governo anterior que almejava a invasão de terras protegidas, o genocídio



de indígenas e a exploração descontrolada de recursos naturais para benefícios próprios e de uma minoria de asseclas mas nunca para benefícios comunitários.

Outro avanço do protagonismo brasileiro se deu mais recentemente na reunião de países membros do Brics e outros convidados, em Kazan, na Rússia, em 2024. A reunião contou com representantes de 36 nações que trataram de temas atuais no cenário internacional; destaque foi dado para a situação da Faixa de Gaza e para a necessidade de aumentar a participação dos países da Ásia, África e América do Sul nos fóruns internacionais. Ressaltou-se que a ascensão coletiva do Sul Global é a principal característica da transformação pela qual passa o mundo. O Brics também foi posto como um bloco que pode se tornar um instrumento para o combate à fome e à pobreza no mundo com suas iniciativas que são cruciais para a redução das desigualdades, como a taxação de super-ricos. O presidente Lula ainda ressaltou a Aliança Global, um compromisso nascente no Brasil contra a Fome e a Pobreza, que já se encontra em fase avançada de adesões. A nomeada Aliança Global Contra a Fome e a Pobreza foi oficialmente lançada na Cúpula de Líderes do G20, no Rio de Janeiro em 2024 nascendo com 148 membros fundadores, dos quais 82 países, a União Africana, a União Europeia, 24 organizações internacionais, nove instituições financeiras e 31 organizações filantrópicas e não governamentais. Em sua recente visita de Estado ao Japão e ao Vietnã (março de 2025), Lula expressou o desejo de aproximar os dois países da zona comercial do Mercosul, além de convidar os líderes asiáticos para o encontro do Brics em julho no Rio de Janeiro e para a COP30 em Belém no mês de novembro de 2025.

O Brics é ator incontornável no fortalecimento do multilateralismo e do comércio internacional, bem como no combate às mudanças climáticas e na promoção da sustentabilidade, apesar de serem essas, responsabilidades que recaem principalmente sobre os países ricos, cujo histórico de emissões de gases de efeito estufa culminaram na crise climática que aflige hoje o planeta. O governo Lula se pauta na ciência e afirma que esse sentido de urgência sem precedentes para cuidar do clima é resultante de estudos científicos e não de especulações. Será na COP 30, em Belém, que, segundo o presidente



Lula, poderemos mostrar que é possível unir povos e nações e contribuir para evitar o declínio do planeta.

Referências

- Nassar, R. *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Jimenez, C. *Contragolpe/Lula abala ultradireita global*. 2022. Disponível em: <<https://revistadassemana.com/2022/11/09/contragolpe-lula-abala-ultradireita-global/>>. Acesso em: nov. 2024.

